
SER Social

NOVA DIREITA, ESTADO E POLÍTICA SOCIAL

Brasília, v. 21, n. 45, julho a dezembro de 2019

Os extremos da mercantilização da vida social na contemporaneidade do capitalismo. Uma análise à luz do fetichismo da mercadoria

The extremes of the mercantilization of social life in the mercantilization of social life in the contemporary capitalism. Na analysis of the light of the Merchant fetishism

Victor César Fernandes Rodrigues¹

Resumo: No presente trabalho, busca-se situar a problemática marxiana do fetichismo da forma-mercadoria no contexto contemporâneo do capitalismo. Nossa proposta é a de reivindicar, por um lado, a tese segundo a qual é da natureza mesma da forma-mercadoria manifestar na superfície das relações cotidianas a *personificação* das coisas e a *reificação* das pessoas. Por outro lado, pretendemos situar que atualmente a expansão das relações de troca mercantis reproduzem o recrudescimento do fetichismo

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF); mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e doutorando em Serviço Social pela Universidade Estadual Paulista (Unesp – Campus/Franca).

inscrito nessa inversão, tornando cada vez maior a submissão das pessoas aos imperativos da forma-mercadoria do produto do trabalho humano. Na conclusão, pretendemos abordar as possíveis tendências econômicas e políticas abertas ao Brasil, no que tange ao rebatimento das inovações tecnológicas estruturadas em nome da chamada quarta revolução industrial ou indústria 4.0.

Palavras-chave: fetichismo; mundo do trabalho; mercantilização da vida social.

Abstract: In the present work, we seek to situate the Marxian problematic of commodity-form fetishism in the contemporary context of capitalism. Our proposal is to claim, on the one hand, the thesis according to which it is of the very nature of the commodity form to manifest on the surface of everyday relations the personification of things and the reification of people. On the other hand, we want to point out that, currently, the expansion of the mercantile exchange relations reproduces the recrudescence of the fetishism inscribed in this inversion, increasing the submission of people to the imperatives of the commodity form of the product of human labor. In conclusion, we intend to address the possible economic and political tendencies open to Brazil, regarding the refutation of technological innovations structured in the name of the so-called fourth industrial revolution or industry 4.0.

Keywords: fetishism; world of work; mercantilization of social life.

Introdução/enunciado do espaço posicional do problema

Hoje, pode-se dizer que a questão da *reificação* e do *fetichismo*, na tradição crítica inaugurada por Marx, teve início com a publicação da obra de Lukács, em 1923, intitulada: *História e consciência de classe*. De fato, a temática do fetichismo, em Marx, possui diversas posições. Nossa tarefa, neste trabalho, consiste em trazer a questão do fetichismo para a atualidade; descortinar o *fetichismo da mercadoria* em relação às múltiplas refrações de seus mecanismos referenciais. Principalmente, trazer a possibilidade de equacioná-la como importante categoria para a compreensão do capitalismo contemporâneo e das atuais inovações tecnológicas. Vivemos em um mundo no qual a *mistificação* operada pelo *fetichismo da mercadoria* vem invadindo todas as esferas. Ao cabo das quais vem estimulando a

retomada desta questão particular, no exame reticente de seus efeitos objetivos/subjetivos.

No marco dessa generalização “profana” da mercantilização nos encontramos todos. Indo das novas circunstâncias de externalidade com a realidade e entre si mediante vidraças oculares conectadas virtualmente² à disseminação teleguiada de recursos automobilísticos autônomos, a *personificação das coisas e reificação das pessoas* atingiram o cume estatutário de a tudo incluir como estratos de seu império sacrossanto. Do futuro interativo tendencial entre algoritmos e seres humanos, liquefazendo ainda mais os espaços humanos da comunicação interpessoal³, persiste o regime “fantasmagórico” que paira sob nós, convertendo nossas mais íntimas capacidades criativas e nossas candentes necessidades sociais, orquestradas e medidas por cálculos de mercado, em meros *suportes* de uma vida inautêntica. As dimensões alcançadas pela mercantilização da vida social hoje trazem a chancela de Marx sobre o caráter expansivo desta questão:

A própria necessidade de primeiro transformar o produto ou a atividade dos indivíduos na forma de *valor de troca*, no *dinheiro*, e o fato de que só nessa forma *coisal* adquire e comprova seu *poder social*, demonstra duas coisas: 1) que os indivíduos produzem tão somente para a sociedade e na sociedade; 2) que sua produção não é *imediatamente social*, não é o

2 O *Google Glass* é um dispositivo semelhante a um par de óculos, que fixado em um dos olhos, disponibiliza uma pequena tela acima do campo de visão. A pequena tela apresenta ao seu utilizador: mapas, opções de música, previsão do tempo, rotas de mapas, e, além disso, também é possível efetuar chamadas de vídeo ou tirar fotos de algo que se esteja a ver e compartilhar imediatamente através da internet. Não é difícil imaginar, porém, serem também utilizados para compras via *QR-CODE* ou mediante implantes via lentes de contatos. Ver em: <<https://www.youtube.com/watch?v=P42H8iOxW0E>>. Acesso em: 10/10/2017.

3 “Programas como o *Siri*, da *Apple*, oferecem um vislumbre da capacidade de uma subárea da IA (inteligência artificial) que está em rápido avanço: os assistentes inteligentes. Os assistentes pessoais inteligentes começaram a surgir há apenas dois anos. Atualmente, o reconhecimento de voz e a inteligência artificial progredem em uma velocidade tão rápida que falar com computadores se tornará, em breve, a norma, criando algo que os tecnólogos chamam de computação ambiental; nela, os assistentes pessoais robotizados estão sempre disponíveis para tomar notas e responder às consultas do usuário. Cada vez mais, nossos dispositivos se tornarão parte de nosso ecossistema pessoal, nos ouvindo, antecipando nossas necessidades e nos ajudando quando necessário – mesmo que não tenhamos pedido”. (SCHWAB, 2016, p. 17).

resultado de associação que reparte o trabalho entre si. Os indivíduos estão *subsumidos* à produção social que existe fora deles como uma *fatalidade*; *mas a produção social não está subsumida* aos indivíduos que a utilizam como seu poder comum. (MARX, 2011, p. 106. Grifo meu).

No mundo contemporâneo, as multilateralidades da reificação e do fetichismo estão em conformidade com a tipificação da vida social, e isto oferece provas suficientes acerca de sua vigência nos tempos que correm, para além de meros “conceitos” expostos por Marx na análise da mercadoria. Antes, elas constituem as *formas de ser* do capitalismo, conformam suas *determinações de existência*⁴ e irradiam luminosidade própria nesse modo de produção na exuberância de suas dimensões categoriais nucleares na tríade *fetichista* da sociabilidade burguesa⁵: a mercadoria, o dinheiro e o capital.⁶ As problemáticas da reificação e do fetichismo estão mais vivas hoje do que nunca; é o que tentaremos demonstrar nas páginas que seguem, cujo horizonte mira enfrentar as consequências que tais problemáticas assumem para os sujeitos sociais, participantes desses processos de fundo. Em suma, o fetichismo é apenas um “termo” empregado por Marx para situar uma análise estrita da mercadoria ou compõe o estatuto setorial da positividade capitalista (NETTO, 1981) cuja estrutura *discriminatória* corresponde à *reificação* das pessoas e à *personificação* das coisas expressivas de seu regime?

4 “[...] as categorias expressam *formas de ser, determinações de existência* [...]”. (MARX, 2011, p. 85).

5 “A reificação das relações de produção entre as pessoas é agora complementada pela “personificação das coisas”. A forma social do produto do trabalho, sendo resultado de incontáveis transações entre os produtores mercantis, torna-se um poderoso meio de exercer pressão sobre a motivação dos produtores individuais de mercadorias, forçando-os a ajustar seu comportamento aos tipos dominantes de relações de produção entre as pessoas nessa dada sociedade. O impacto da sociedade sobre o indivíduo é levado adiante mediante a forma social das coisas. Esta objetivação, ou “reificação” das relações de produção entre as pessoas sob a forma social de coisas, dá ao sistema econômico maior durabilidade, estabilidade e regularidade. O resultado é a “cristalização” das relações de produção entre as pessoas”. (RUBIN, 1987, p. 37).

6 “É apenas uma relação social determinada entre os próprios homens que *assume, para eles, a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas*”. (MARX, 2013, p. 147. Grifo meu).

O fetichismo, para Marx, atua como *inversão objetiva*, que não apenas inverte o relacionamento social das objetivações humanas regidas pela forma valor, mas distorce simultaneamente a relação humana posta sob tal regência; o modo de produção domina os sujeitos que perdem o controle sobre suas objetivações e passam os mesmos a se relacionarem materialmente entre si através única e exclusivamente da mediação dessas coisas, das quais lhes escapam os rastros com os quais vieram a ser; característica que se agrava na atual fase do capitalismo, em especial no “cântico de louvor” da exibição espetacular que expressam os mais variados sentimentos com relação ao universo digitalizado das relações humanas. No “mundo das mercadorias”, os homens lidam com estas coisas-valores na proporção em que se relacionam entre si,⁷ e, somente, na dimensão desta relação devem ser reconhecíveis como tais,⁸ na proporção de uma relação social entre coisas e uma relação reificada entre pessoas,⁹ confirmadas pela opressão estabelecida entre

7 “Na economia capitalista verifica-se o recíproco intercâmbio de pessoas e coisas, a personificação das coisas e a coisificação das pessoas. Às coisas se atribuem vontade e consciência, e, por conseguinte, o seu movimento se realiza consciente e voluntariamente; e os homens se transformam em portadores ou executores do movimento das coisas”. (KOSIK, 1976, p. 174).

8 “[...] A separação do produtor dos seus meios de produção, a dissolução e a desagregação de todas as unidades originais de produção etc., todas as condições econômicas e sociais do nascimento do capitalismo moderno agem nesse sentido: substituir por relações racionalmente reificadas as relações originais em que eram mais transparentes as relações humanas”. (LUKÁCS, 2003, p. 207).

9 “A metamorfose da relação mercantil num objeto dotado de uma “objetivação fantasmática” não pode, portanto, limitar-se à transformação em mercadoria de todos os objetos destinados à satisfação das necessidades. Ela imprime sua estrutura em toda a consciência do homem; as propriedades e faculdades dessa consciência não se ligam mais somente à unidade orgânica da pessoa, mas aparecem como “coisas” que o homem pode “possuir” ou “vender”, assim como os diversos objetos do mundo exterior. E não há nenhuma forma natural de relação humana, tampouco alguma possibilidade para o homem fazer valer suas “propriedades” físicas e psicológicas que não se submetam, numa proporção crescente, a essa forma de objetivação”. (LUKÁCS, 2003, p. 223).

a classe possuidora e a classe despossuída, em níveis distintos,¹⁰ a qual conforma a historicidade de seu estatuto.¹¹

Na sociedade burguesa, quanto mais se desenvolve a produção capitalista, mais as relações sociais de produção se alienam dos próprios homens, confrontando-os como potências externas que os dominam. Esta inversão de sujeito e objeto, inerente ao capital como relação social, é expressão de uma história da autoalienação humana. Resulta na progressiva reificação das categorias econômicas, cujas origens se encontram na produção mercantil. (IAMMAMOTO, 2014, p. 48).

Um processo social que atua à margem dos produtores como uma *fatalidade*; faz com que os sujeitos passem a ser meros suportes de uma relação entre coisas.¹² Em contrapartida, aos sujeitos sociais, que somente obtendo tais coisas sustentem sua própria vida, são dados destinos funestos em “mundos impróprios”, que sequer lhes pertencem.

A seguir, veremos como estas características fetichistas da sociabilidade burguesa se intensificaram na contemporaneidade, a qual verteu sob o selo da mercadoria, múltiplos aspectos da realidade social e promete vertê-los ainda mais.

10 “A classe possuidora e a classe do proletariado representam a mesma autoalienação humana. Mas a primeira das classes se sente bem e aprovada nessa autoalienação, sabe que a alienação é *seu próprio poder* e nela possui a aparência de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana”. (MARX; ENGELS, 2003, p. 48).

11 “Como o trabalho vivo – no processo de produção – está já incorporado ao capital, todas as *forças produtivas sociais do trabalho* apresentam-se como *forças produtivas do capital*, como propriedades que lhes são inerentes, *da mesma forma que, no caso do dinheiro, o caráter geral do trabalho, na medida em que este cria valor, aparecia como propriedade de uma coisa*. [...] a *combinação social*, na qual as diversas forças de trabalho funcionam tão somente como órgãos particulares da capacidade de trabalho que constitui a oficina coletiva, não pertence a estas, mas se lhes contrapõe como *ordenamento (arrangement) capitalista, é-lhes imposta*”. (MARX, 1978, p. 83. Grifo meu).

12 “[...] O homem não aparece, nem objetivamente nem em seu comportamento em relação ao processo de trabalho, como o verdadeiro portador desse processo; em vez disso, ele é incorporado como parte mecanizada num sistema mecânico que já encontra pronto e funcionando de modo totalmente independente dele, e a cujas leis deve se submeter”. (LUKÁCS, 2003, p. 204).

Segundo Netto;

Na idade avançada do monopólio, a organização capitalista da vida social *preenche todos os espaços e permeia todos os interstícios da existência individual*: a manipulação desborda a esfera da produção, domina a circulação e o consumo e articula uma indução comportamental que penetra a totalidade da existência dos agentes sociais particulares – é o inteiro cotidiano dos indivíduos que se torna administrado –, um difuso terrorismo psicossocial se destila de todos os poros da vida e se instila em todas as manifestações anímicas e todas as instâncias que outrora o indivíduo podia reservar-se como áreas de autonomia. (NETTO, 1981, p. 81. Grifo meu).

Se a forma social das coisas, que são produtos do trabalho humano, aparece aos homens com a mística qualidade de ocultar suas mediações sociais, ao passo de converter as relações materiais dos homens com os produtos de seu trabalho em uma relação social das próprias coisas; se a própria forma fetichista deste estatuto inverte as relações sociais dos produtos do trabalho na própria base em que são produzidas, há razões para dizer que na contemporaneidade do capitalismo está-se operando o recrudescimento fetichista deste estatuto na tendência de tornar as próprias coisas conectadas entre si em uma “internet das coisas” (IoT), cuja miniaturização nanotecnológica identifica cada coisa em um banco de dados, os quais se conectam virtualmente, tornando o fetichismo das mercadorias ainda mais expressivo,¹³ precisamente pela migração desta tecnologia em pessoas,¹⁴ mostrando a atualidade da questão.

Mas os aspectos peculiares da crise contemporânea do capital são mais engenhosos, não é por acaso que a tecnologia *Blockchain* de Bitcoin, por exemplo, a “moeda virtual” destes tempos, tem sido

13 Maiores informações, ver em: <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/08/internet-das-coisas-entenda-o-conceito-e-o-que-muda-com-tecnologia.html>>. Acesso em: 12/10/2017.

14 O uso de microchip em pessoas no intuito de identificá-las às bases de dados não apenas reafirma a reificação das pessoas e personificação das coisas, como também demonstra o recrudescimento do fetichismo, ver em: <<https://exame.abril.com.br/tecnologia/empresa-belga-chama-atencao-por-implantar-chips-em-funcionarios/#>>. Acesso em: 19/10/2017).

recorrentemente exposta como o futuro do dinheiro,¹⁵ ao mesmo tempo em que expressa o grau alcançado pelo fetichismo, em se tratando de um dinheiro que parece “surgir do nada”, ou, simplesmente, por meio da “mineração virtual”.¹⁶

O *Bitcoin* é o *blockchain* mais conhecido neste momento, mas essa tecnologia logo dará origem a inúmeros outros. Se, agora, a tecnologia do *blockchain* registra transações financeiras feitas com moedas digitais (o *Bitcoin*, por exemplo), futuramente ele servirá para registrar coisas bem diferentes, como nascimentos e óbitos, títulos de propriedade, certidões de casamento, diplomas escolares, pedidos às seguradoras, procedimentos médicos e votos –essencialmente, quaisquer tipos de transação que podem ser transformadas em código. (SCHWAB, 2016, p. 22).

A planificação global da sociedade, cuja mercantilização da totalidade das relações sociais constitui propriamente a lógica da reificação, posta pelo fetichismo, em seu estatuto setorial consolidado, no dinheiro, representa o quanto ainda nos falta apreender sobre o significado real de tais categorias no marco da analítica marxiana. Nossos exemplos pretendem oferecer um panorama contemporâneo de tais problemáticas, à luz das circunstâncias que as conformam e as legitimam como “naturais” e das “saídas” do capital em tempos de crise. É o caso, por exemplo, dos empreendimentos no ramo do chamado mercado de “barriga de aluguel”. No Brasil, agências especializadas neste tipo de nicho de mercado já estão em vias de consolidação.¹⁷ Mas este é um movimento

15 Ver em: <<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/tecnologia/2017/05/17/BITCOIN-O-FUTURO-DO-DINHEIRO-E-VIRTUAL.htm>>. Acesso em: 11/10/2017.

16 “Na forma do capital portador de juros, portanto, esse *fetichismo automático* está elaborado em sua pureza, valor que valoriza a si mesmo, dinheiro que gera dinheiro, e *ele não traz nenhuma marca de seu nascimento*. A *relação social está consumada como relação de uma coisa, do dinheiro consigo mesmo*”. (MARX, 1985, Livro III, Tomo I, p. 294. Grifo meu).

17 “Tammuz, que significa deus da fertilidade para os acádios, já tem 25 processos de brasileiros em andamento, sendo 14 de casais gays, sete de casais heterossexuais e sete de solteiros. “O meu negócio é possibilitar que qualquer pessoa possa ter uma família, respeitando todas as leis”, diz.” Disponível em: <<http://www.valor.com.br/cultura/blue-chip/4154436/agencia-de-barriga-de-aluguel-abre-escritorio-em-sao-paulo>>. Acesso em: 15/10/2017.

mundial,¹⁸ nos Estados Unidos, por exemplo, pode-se alugar uma “barriga de aluguel” indiana, por US\$ 6.250. Casais ocidentais que buscam uma mãe de aluguel estão recorrendo sistematicamente a essa terceirização dos ventres maternos na Índia.¹⁹

Na sociabilidade burguesa, tudo aquilo que puder ser submetido à forma-mercadoria, cedo ou tarde será garantido por todos como aceitável; nessa “síndrome de Estocolmo” tão característica dos nossos tempos. A transversalidade da fetichização das relações sociais constitui propriamente o elo condutor da conversão dos seres humanos e da natureza em meras coisas quantitativamente avaliadas segundo o custo benefício dos mercados na busca desenfreada por maiores lucros em detrimento dos seres vivos.

A inversão, portanto, entre a personificação das coisas e a reificação das pessoas comparece setorialmente no capitalismo contemporâneo e nos mostra que, a rigor, *não há limites* para esse regime estatutário. Ademais, é extremamente problemático relegar o tema do fetichismo, em Marx, a um tema qualquer, pois, a rigor, é na atualidade do capitalismo que ele recobra seu sentido crítico preciso e elementar. Mas nada se compara ao direito de poder lançar toneladas de gás carbônico na atmosfera, desde que sejam pagos os preços estabelecidos pelo mercado de emissões.²⁰ Quer dizer, nada se compara à possibilidade de estatuir um “regime fantasmagórico” em todas as

18 Informações: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/17/internacional/1487346402_358963.html>. Acesso em: 11/10/2017.

19 “O subaluguel comercial tem sido legal na Índia, desde 2002, como é, em muitos outros países, incluindo os Estados Unidos. Mas a Índia é o líder em torná-lo uma indústria viável, em vez de um tratamento de fertilidade raro. Os especialistas dizem que poderia decolar pelas mesmas razões que a terceirização em outras indústrias foi bem sucedida: um amplo laboratório trabalhando para taxas relativamente baixas”. (Tradução minha). Disponível em: <http://usatoday30.usatoday.com/news/world/2007-12-30-3457229192_x.htm>. Acesso em: 13/10/2017.

20 A União Europeia administra um mercado de emissões de gás carbônico que torna permissível comprar e vender o direito de destruir a camada de ozônio. Maiores informações, ver em: <<https://www.nanotechdobrasil.com.br/point-carbon-estima-volume-do-mercado-de-carbono-norte-americano-deve-dobrar-este-ano/>>. Acesso em: 15/10/2017.

mais distantes e inóspitas treliças da sociedade, como diz Netto: “do útero à cova”.²¹

A planificação global – aqui necessariamente vertical e burocrática – cobre a vida como um todo: da distribuição ecológica ao conteúdo do lazer, do controle da mobilidade da força de trabalho ao *continuum* instrução formal/informal etc. A organização capitalista da grande indústria moderna modela a organização inteira da sociedade macroscópica, impinge-lhe os seus ritmos e os ciclos, introduz com a sua lógica implacável o relógio-de-ponto e os seus padrões em todas as micro-organizações. (NETTO, 1981, p. 82).

No mais, não se pode subestimar os atuais empreendedores precários, inclusive em servir literalmente de cobaia em testes de laboratórios farmacêuticos, por nada menos que US\$ 7.500.²² Mas que não se perca de vista a “banalidade do mal” que assume a fetichização total da vida social e que penetra todos os poros da sociabilidade contemporânea. Vivemos em um período histórico em que os valores de mercado administram todas as relações, em que nos tornamos meros suportes da “fantasmagoria” agora digitalizada e que se abate sobre nós, sem que tenhamos o menor controle. A atual crise do capital está operando o recrudescimento desse regime. Pior para aqueles que não podem pagar pelos “serviços” oferecidos; por aposentadoria, por educação, saúde etc. Pior para aqueles que *dependem* das políticas sociais, via Estado, para manterem-se vivos.

21 “[...] Exclusivamente os recursos heurísticos contidos nas formulações sobre o fetichismo podem abrir a via à sua compreensão, porque o que aqui se *universalizou*, na imediaticidade da vida social, são os processos alienantes e alienados peculiares ao modo de produção capitalista, os que se encontram na base do mistério da forma mercadoria – que, então, dominam *toda* a organização social. Tais processos não envolvem apenas os produtores diretos: penetram e conformam a totalidade das relações de produção social e *das relações que viabilizam a sua reprodução*. Sob o salariedade não se encontra mais apenas a classe operária, mas a esmagadora maioria dos homens; a rígida e extrema divisão social do trabalho subordina todas as atividades, “produtivas” e “improdutivas”; a disciplina burocrática transcende o domínio do trabalho para regular a vida inteira de quase todos os homens, do útero à cova”. (NETTO, 1981, p. 82).

22 “Os voluntários são pagos para não fazerem as coisas, mas para que as coisas sejam feitas a eles.” (Tradução minha). Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/2008/01/07/guinea-pigging>>. Acesso em: 13/10/2017).

Em um mundo onde fazer apostas sobre a vida de idosos ou doentes tornou-se um nicho de mercado,²³ onde os valores de mercado passaram a governar todas as esferas da vida social, falar de privatização, terceirização e flexibilização, hoje em dia, é quase um lugar comum, se não associadas às dimensões que alcançaram o fetichismo, a alienação e a reificação, nessa sociedade que nos toca viver. Basta verificar a ascensão que tem tido o mercado de empresas de segurança privada, em todo o mundo;²⁴ o aumento exponencial e aparentemente irreversível do marketing orquestrado pelos grandes conglomerados farmacêuticos para comercialização de remédios em escala toyotista,²⁵ em suma, o terrorismo psicossocial da formamercadoria destilada em todos os poros da sociabilidade contemporânea, em que as condições do trabalho necessárias a essa exuberante proliferação de coisas são apagadas e dão lugar a um fetichismo persistente,²⁶ o qual tem no avanço da “digitização da indústria e da economia” um fetichismo tecnológico estrutural que tende a uma 4ª revolução industrial e a uma nova fase na acumulação do capital jamais antes vista. Não é à toa, com efeito, que retomar a discussão sobre a reificação, posta pelo fetichismo, hoje em dia, é se deparar com os mais impensáveis disparates a que podem chegar o equivalente universal e a racionalização inerente à plataforma econômica de transformação das relações entre pessoas em relações entre coisas, já que nem de longe a humanidade parece preocupada em reivindicar o controle racional de suas objetivações.

23 Informações, ver em: <<http://www.nytimes.com/2009/09/06/business/06insurance.html?mcubz=1>>.

24 Ver em: <<http://www.economist.com/node/86147>>. Acesso em: 12/10/2017.

25 Maiores Informações: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI-338549-17805,00-EXPLORE+OS+REMEDIOS+MAIS+CONSUMIDOS+DO+MUNDO.html>>. Acesso em: 15/10/2017.

26 “As vitrines vistosas nas lojas e o marketing das tecnologias de ponta são um contraste bastante gritante às imagens de crianças carregando sacos de pedras e de mineiros, enfiadas em túneis apertados, permanentemente em risco de sofrerem danos nos pulmões” [...] “É um enorme paradoxo da era digital que algumas das mais ricas e mais inovadoras empresas do mundo possam comercializar aparelhos incrivelmente sofisticados sem lhes ser exigido que demonstrem de onde vêm as matérias-primas com que são fabricados os seus componentes”. Disponível em: <<https://anistia.org.br/noticias/trabalho-infantil-e-exploracao-na-republica-democratica-congo-alimentam-producao-mundial-de-baterias/>>. Acesso em: 16/10/2017.

Mais do que qualquer coisa, a crítica ao fetichismo assiste, por sua vez, à teorização de Marx em *sentido amplo*, precisamente pelo fato de constituir uma *forma de ser* específica do modo de produção capitalista e de suas relações sociais postas em sua atual fase.

Num futuro previsível, os empregos de baixo risco em termos de automação serão aqueles que exigem habilidades sociais e criativas; em particular, as tomadas de decisão em situações de incerteza, bem como o desenvolvimento de novas ideias. Isso, no entanto, pode não durar. Considere uma das profissões mais criativas – escrever – e o advento da geração automatizada de narrativas. Algoritmos sofisticados podem criar narrativas em qualquer estilo apropriado para um público específico. O conteúdo soa tão humano que um teste recente efetuado pelo jornal *The New York Times* mostrou que, ao ler duas peças semelhantes, é impossível dizer qual delas foi criada por um autor humano e qual foi produzida por um robô. A tecnologia avança de forma tão veloz que Kristian Hammond, cofundador da Ciência da Narrativa, uma empresa especializada em geração automatizada de narrativas, prevê que, por meados da década de 2020, 90% das notícias poderão ser geradas por um algoritmo, a maior parte delas sem qualquer intervenção humana (exceto a criação do algoritmo, claro). (SCHWAB, 2016, p. 34).

O aumento do desemprego unido ao aumento dos “empresários de si”,²⁷ a barbárie tornando-se lucrativa,²⁸ e profissões sendo descar-

27 “Podemos entender a uberização como um futuro possível para empresas em geral, que se tornam responsáveis por prover a infraestrutura para que seus “parceiros” executem seu trabalho; não é difícil imaginar que hospitais, universidades, empresas dos mais diversos ramos adotem esse modelo, utilizando-se do trabalho de seus “colaboradores *just-in-time*” de acordo com sua necessidade. Mas, se olharmos para o presente da economia digital, com seus motoristas Uber, motofretistas Loggi, trabalhadores executores de tarefas da *Amazon Mechanical Turk*, já podemos ver o modelo funcionando em ato, assim como compreender que não se trata apenas de eliminação de vínculo empregatício: a empresa Uber deu visibilidade a um novo passo na subsunção real do trabalho [...] e que tem possibilidades de generalizar-se pelas relações de trabalho em diversos setores”. (ABÍLIO, C. L. Uberização do trabalho: *subsunção real da viração*. 2017. Disponível em: <<https://blog-daboitempo.com.br/2017/02/22/uberizacao-do-trabalho-subsuncao-real-da-viracao/>>. Acesso em: 15/10/2017.

28 “[...] Suponha que a ONU ou outro organismo internacional estabelecesse uma cota anual de refugiados para cada nação, atribuindo aleatoriamente quantidades de refugiados a cada país, permitindo que as nações comprem e vendam suas obrigações. Provavel-

táveis. Ora, quais seriam os rumos e destinos das políticas sociais por via de serviço despersonalizado de inteligência artificial e algoritmos? A precarização do trabalho e intensificação da exploração, por outro lado, torna a discriminação operada pelo fetichismo da mercadoria um tema central. Pois se o “mapa da violência” de mortes por arma de fogo, no Brasil, por exemplo, revela um número assustador,²⁹ e se a chamada “guerra às drogas” tornou-se um negócio mais que lucrativo para as grandes corporações de armas,³⁰ porque não criar um mercado que atenda um contingente militar privado, que possa combater em zonas de guerra, por um soldo de US\$1.000 por dia?³¹

Ademais, na atual crise do capital a guerra permanente mostra-se um instrumento de contenção da queda da taxa de lucro e tem-se revelado um forte mecanismo de contra tendência do sistema.

As formulações sobre o fetichismo, nesta ótica, deixam de ser pertinentes a *mistérios* singulares (o enigma da mercadoria, do dinheiro, etc.) para se converterem no recurso heurístico do mistério macroscópico: a positividade como pseudo objetividade posta pelo capitalismo tardio. Elas passam a constituir os *requisitos de uma análise genética* (a transformação progressiva do fetichismo da mercadoria para as formas de *todas as instâncias e agências sociais*, com a *mercantilização geral da vida*) e sistemática (o *modus operandi* pelo qual as manifestações reificadas se estruturam na pseudo objetividade da positividade) da cultura da sociedade burguesa constituída. (NETTO, 1981, p. 89).

mente, um país rico, como o Japão, cumpriria sua obrigação, pagando uma cota anual de refugiados que não quisesse a Rússia ou a Uganda para ficar com eles. A Rússia ou Uganda ganha uma nova fonte de renda nacional, e o Japão atende suas obrigações em relação aos refugiados, terceirizando-os”. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1994/08/13/opinion/share-the-refugees.html?mcubz=1>. Tradução nossa. Acesso em: 11/10/2017.

29 Ver em: <<http://old.brasileiros.com.br/2016/08/o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-por-arma-de-fogo-no-mundo/>>. Acesso em: 15/10/2017.

30 “Num mundo de 840 milhões de famintos, as despesas militares dos países superam US\$ 1,7 trilhão em três anos, o equivalente a US\$ 260 dólares por habitante do planeta”. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/91/ricos-poderosos-e-sem-limites-2814.html>>. Acesso em: 15/10/2017.

31 Maiores informações, ver em: <<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2004/09/private-military-contractors/303424/>>. Acesso em: 11/10/2017.

O capitalismo tardio (MANDEL, 1985) demonstra como em nenhuma outra época, o quanto o fetichismo da mercadoria era uma questão central para a crítica de Marx da economia política;³² demonstra que, a rigor, o fetichismo é uma categoria crítica central para Marx, no exame da forma-mercadoria. Demonstra, com efeito, seu poder de síntese, ao cabo da qual resulta na serialidade de suas telas nervuradas na reificação das relações sociais entre os sujeitos,³³ enquanto perdurar o modo de produção capitalista.

Não é por acaso que as novas formas de organização política estão motivadas na criação dos “sindicatos de aplicativos”, que recorrem através de manifestações via processos judiciais pela regulação formal dos vínculos empregatícios com as chamadas “empresas-aplicativos”, e que ora resultam em negociatas entre o governo e essas empresas, ora escancaram a dificuldade que tem sido a regulação do trabalho nessas empresas do setor digital. Mas é precisamente na esteira desse avanço das empresas do ramo digital que o fetichismo encontra adequação perfectível; na administração de um conjunto de normas e critérios avaliativos exercidos pelos próprios usuários, através de métodos de vigilância e exigências rigorosas, recheado de conflitos e contradições, porém dispersas sob o véu intangível dos vínculos empregatícios e no esboroamento consecutivo das demandas por direitos. Os trabalhadores tornam-se corresponsáveis pela sustentação desse regime de coisas (algoritmos)³⁴ na proporção de se tornarem eles próprios um mero ícone certificado, qualificado e vigiado por seus clientes-consumidores. Mais exatamente, a “gpesização” da vida humana estabelece o grau alcançado pelo controle dos corpos, em um mundo pleno de sutilezas.

32 “[...] sempre que se confronta com a economia política, ele (Marx) se defronta com a problemática do fetichismo. Resumindo: *independentemente das etapas evolutivas da sua reflexão, todas às vezes em que a economia política é o âmbito em que se coloca o objeto da operação crítica de Marx, põe-se lhe a problemática do fetichismo*”. (NETTO, 1981, p. 54).

33 “No valor de troca, a conexão social entre as pessoas é transformada em um comportamento social das coisas; o poder [*Vermögen*] pessoal, em poder *coisificado*.”. (MARX, 2011, p. 105).

34 “O valor converte, antes, todo produto do trabalho num hieróglifo social”. (MARX, 2013, p. 209).

Passam os próprios trabalhadores, tanto aqueles que buscam uma fonte de renda alternativa em jornadas indefinidas, regida por demandas repentinas e incertas, quanto aqueles que consomem seus serviços como meros ícones personificados, os quais se encontram duplamente convertidos sob o imperativo da lógica da reificação de suas relações recíprocas em detrimento das relações sociais das coisas de que necessitam e põem a funcionar. Ambos se convertem em perfis virtuais, números de um cadastro personificado, numa “religião da vida cotidiana”³⁵ na qual estão e estamos reféns. Suas atividades são sensíveis. Elas retroalimentam a circulação de mercadorias em suas distribuições espaços-temporais, mas são alimentadas por programas executados por softwares e seus algoritmos suprassensíveis.

Nessa modalidade de organização do trabalho, são os próprios trabalhadores que *personificam* a qualidade, a fiscalização e a gestão dos serviços ofertados pelos *startups*; torna-se ainda mais difícil mensurar as mediações sociais do processo. Quais estão sendo as implicações éticas desse tipo de organização produtiva? Quais estão sendo os efeitos e consequências desse cultivo de logotipos de *startups* e marcas digitais, dispersas numa multidão vigilante que avalia e dá certificação dos serviços prestados?

E quanto aos direitos, serão estritamente mediados pelo mercado? Acaso tais questões não foram visualizadas por Marx, quando tratou da *crítica* ao fetichismo da mercadoria?

Inclusive, se levarmos em conta a relação simplesmente *formal* – a forma *geral* da produção capitalista, *compartilhada tanto por sua modalidade menos desenvolvida quanto por sua modalidade mais desenvolvida* – os meios de produção, as condições objetivas de trabalho, não aparecem subsumidas ao operário, mas este subsumido a elas. O capital *utiliza* o trabalho. Já essa relação é, em sua simplicidade, *personificação das coisas e coisificação das pessoas*. (MARX, 1987, p. 86-87. Grifo meu).

35 [...] essa personificação das coisas e essa reificação das relações de produção, essa religião da vida cotidiana [...]. (MARX, 1985. Livro III. Tomo II. p. 280)

Estamos convencidos que a crítica ao fetichismo da mercadoria, por um lado, assiste à teorização de Marx em sentido amplo, ao que, por outro lado, atualmente constitui um dos pilares de sua teoria social que se tem de *radicalizar*, precisamente pela evidência das formas mercantilizadas em múltiplos interstícios da vida humana e social na contemporaneidade.

O espaço figural 4.0 da indústria e a questão do fetichismo

Simplificadamente, podemos dizer que a despeito da chamada “reestruturação produtiva” a partir de meados da década de 1960, a qual se combina com as mais atuais análises sobre a flexibilização da produção e dos postos de trabalho, que o advento da 4ª Revolução Industrial,³⁶ traz chancela a uma variedade de efeitos,³⁷ que podem tornar este estudo mais bem situado na ponta da crítica.

Resumidamente falando, as três revoluções industriais do passado; a primeira, por volta de 1760 e 1840, do tempo de Marx, motivada pelo empenho em tecnologias de engenharia mecânica, máquinas a vapor e ferrovias; a segunda, no fim do século XIX e início do século XX, que combinaram o avanço da eletricidade, linhas de montagem e difusão da produção em massa, a exemplo do fordismo; a terceira, nossa mais conhecida, forjada a partir de meados da década de 1960, com o advento da informática e da tecnologia da informação, automatização, a exemplo do toyotismo, e, em seguida, a internet, em princípio dos anos de 1990, que hoje se confronta com um novo paradigma 4.0 de inovação, ainda ligeiramente suspenso na maior parte das análises acerca do “Mundo do Trabalho”.

Isto significa que a temática do fetichismo da mercadoria, expressa por Marx na segunda edição de 1873, no livro primeiro d’*O capital*, traz consigo algo mais do que apenas uma conceituação

36 Não há segurança em afirmar a origem deste termo, com relação às abruptas mudanças na entrada do século XXI na indústria como um todo. Utilizo aqui a referência de Klaus Schwab, em seu livro: *A Quarta Revolução Industrial*, publicada em 2016, pela Edipro.

37 À guisa de exemplo: <http://www.valor.com.br/video/5561016011001/robos-transformam-o-setor-de-logistica?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=Timeline>. Acesso em: 15/10/2017.

qualquer, ante o prisma tecnológico de seu tempo. Para nós, o século XXI e seu modelo de logística digitalizado, exemplificado nas páginas anteriores, ainda que brevemente, põe como central esta temática e ainda é capaz de iluminar os limites teóricos das formulações em torno da chamada revolução industrial 4.0. O dispositivo de “re-encantamento” que traz consigo é taxativo, como se tudo estivesse prestes a melhorar instantaneamente,³⁸ em se tratando do esforço apologético por apoiar ao capital em sua equação com o trabalho,³⁹ e delegar a segundo plano os chamados “tecnóforos”, como se tudo pudesse ser reduzido à questão da técnica desprendida das relações de propriedade privada e dos monopólios a ela associadas.

Virtualmente, o tema da 4ª Revolução Industrial aparece pela boca de vários entusiastas estrangeiros, os quais entoam um hino particularmente conhecido, qual seja o de afirmarem explicitamente que as dramáticas inovações tecnológicas à nossa espera produzirão um certo efeito “mágico” nas relações humanas,⁴⁰ reduziram o custo dos produtos,⁴¹ estimulando maior demanda do consumidor e conseqüentemente novos mercados surgirão, novos empregos aparecerão, novas relações sociais e coisas que tais. Na verdade, é o velho e carcomido procedimento idólatra dos economistas e líderes empresariais; ao capitalismo, tudo o que estiver ao alcance, e à humanidade, o que restar dos escolhos da concorrência intercapitalista, que

38 “Hoje, o foco mundial em tecnologia e inovação é impulsionado por um desejo desesperado de encontrar uma solução mágica para os problemas econômicos, sociais e políticos relacionados à raça humana. Embora existam muitos problemas importantes a serem resolvidos, e embora as inovações continuem em muitos campos, há uma expectativa irracional de que mudanças e inovações dramáticas, pelo menos na escala das revoluções industriais ou da computação antiga, estão no horizonte.” Maiores informações, ver em: <<https://www.independent.co.uk/voices/there-s-no-such-thing-as-the-fourth-industrial-revolution-a7441966.html>>. Acesso em: 19/10/2017.

39 Ver em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570969-os-robos-ficam-do-lado-do-capital-na-equacao-marxista>>. Acesso em: 16/10/2017.

40 “A premissa deste livro é que a tecnologia e a digitalização irão revolucionar tudo, fazendo com que aquela frase tão gasta e maltratada se torne verdadeira: “desta vez será diferente”. (SCHWAB, 2016, p. 15).

41 Não é difícil imaginar o quanto as impressoras 3D terão um impacto extremado nesta direção, em que pese a possibilidade de imprimir desde órgãos; ver aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=4kYtsfkIrOk>> às armas de última geração; e aqui: <<https://www.youtube.com/watch?v=w1UNdh-3vuU>>. Acesso em: 19/10/2017.

é o que, na verdade, reveste o fundamento destas inovações. Mais exatamente, mantenhamos o “místico véu de névoa”⁴² envolvido nas próprias coisas que se erguem diante dos seres humanos e da própria natureza como fantasmas sugadores de sua vitalidade mais íntima e radicalizemos de forma visceral toda e qualquer condição de perpetuação e manutenção desse sistema, ainda que tenhamos de apelar para a construção da paisagem esperançosa de um mundo “novo” com maiores comodidades, que, porém, mantenha a estrutura natural da desigualdade entre os países e o estatuto da propriedade privada intocável, dada a finalidade de incremento da taxa de lucratividade entre as grandes potências como métrica para a retomada do crescimento para sair da crise. Todavia, é certo que esta inovação não virá desprovida de catástrofes, a julgar pelo acirramento competitivo entre os países que prometem tais inovações.

Algumas das estimativas colocadas no espaço calculável de tais inovações ratificam o conteúdo aparentemente vanguardista e cosmopolita da 4ª Revolução Industrial, sem que as *consequências humano-societárias* sejam colocadas com rigor e sem problematizar o estatuto geopolítico *desigual* de suas implementações. Ora, em que condições a implementação em larga escala de impressoras 3D, por exemplo, para a indústria manufatureira como um todo, nos países centrais, reproduziria como efeito nas periferias geográficas do capital senão o recrudescimento da concorrência desigual e combinada, a qual intensificaria o atraso ou obrigaria a adequação subalternizada às inovações esperadas?

42 [...] o reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer quando as relações cotidianas da vida prática se apresentam diariamente para os próprios homens como relações transparentes e racionais que eles estabelecem entre si e com a natureza. A configuração do processo social de vida, isto é, do processo material de produção, só se livra de seu místico véu de névoa quando, como produto de homens livremente socializados, encontra-se sob seu controle consciente e planejado. (MARX, op. cit., p. 154. Grifo meu).

Tabela 1 – Pontos de inflexão esperados até 2025

| | |
|---|-------|
| 10% das pessoas com roupas conectadas à internet | 91,2% |
| 90% das pessoas com armazenamento ilimitado e gratuito (financiado por propagandas publicitárias) | 91,0% |
| 1 trilhão de sensores conectados à internet | 89,2% |
| O primeiro farmacêutico robótico dos EUA | 86,5% |
| 10% de óculos de leitura conectados à internet | 85,5% |
| 80% das pessoas com presença digital na internet | 84,4% |
| Produção do primeiro carro impresso em 3D | 84,1% |
| O primeiro governo a substituir o censo por fontes de big-data | 82,9% |
| O primeiro celular implantável e disponível comercialmente | 81,7% |
| 5% dos produtos aos consumidores impressos em 3D | 8,1% |
| 90% da população com smartphones | 80,7% |
| 90% da população com acesso regular à internet | 78,8% |
| Carros sem motoristas chegarão a 10% de todos os automóveis em uso nos EUA | 78,2% |
| O primeiro transplante de um fígado impresso em 3D | 76,4% |
| 30% das auditorias corporativas realizadas por IA | 75,4% |
| Primeira arrecadação de impostos através de um <i>blockchain</i> | 73,1% |
| Mais de 50% do tráfego da internet voltado para os utilitários e dispositivos domésticos | 69,9% |
| Globalmente, mais viagens/trajetos por meio da partilha do que em carros particulares | 67,2% |
| A primeira cidade sem semáforos com mais de 50.000 pessoas | 63,7% |
| 10% do produto interno bruto mundial armazenado pela tecnologia <i>blockchain</i> | 57,9% |
| A primeira máquina de IA de um conselho de administração | 45,2% |

Fonte: *Dup Shift – Technology Tipping Points and Societal Impact*, Global Agenda Council on the Future of Software and Society, Fórum Econômico Mundial, set. 2015.

Em um país desigual como o Brasil em relação ao acesso à internet, para citar apenas um exemplo, além da assimetria evidente entre campo e cidade e o descompasso decorrente entre as condições de acesso a equipamentos que tornem permissíveis o ingresso na “sociedade da informação”, há ainda o agravamento do atraso do

setor empresarial brasileiro em relação à 4ª Revolução Industrial, muito menos enquanto possibilidade real e muito mais enquanto “promessa” externa, isto é, meramente apologética.⁴³ Por tais razões estruturais, por outro lado, qualquer expectativa “otimista” acerca das habilitações necessárias para o presente século; investimento em capacidades cognitivas, técnicas etc., que não leve em consideração a circunstância específica dessa *nova fase* do capital mundial e, conseqüentemente, deste cenário industrial revolucionário, estará fadada a cometer os maiores disparates; relativizando a *mercantilização 4.0* das relações humanas e enviesando o discurso do capital mediante *apologia fetichista*, refém de um materialismo tosco acrítico e anti-humanista, a peculiaridade desta revolução e a forma de seu rebatimento no Brasil passam ao largo das análises empresariais e político-partidárias, como se estivessem “desconectadas”.

Há um cenário desafiador para os países de baixa renda, isto é, saber se a quarta revolução industrial levará a uma grande “migração” das fabricantes mundiais para as economias avançadas, algo bastante possível caso o acesso a baixos salários deixe de ser um fator de competitividade das empresas. [...] Caso esse caminho se feche, muitos países terão de repensar seus modelos e estratégias de industrialização. Se e como as economias em desenvolvimento podem aproveitar as oportunidades da quarta revolução industrial será uma questão importantíssima para o mundo; é essencial que sejam feitas mais pesquisas e reflexões para compreendermos, desenvolvermos e adaptarmos as estratégias necessárias. (SCHWAB, 2016, p. 38).

Na esteira deste discurso reiterado, os avanços relacionados à inteligência artificial (IA) realizam com a mais autêntica veracidade o quanto a irreversibilidade emergente deste processo ameaça sucumbir uma quantidade imensa de empregos e modificar subs-

43 “Pesquisa mostra que 32% das empresas não ouviram falar do tema. [...] Segundo a pesquisa, realizada pela Fiesp em parceria com o Senai-SP, somente 41% das indústrias utilizam o *lean manufacturing*, ou sistema de produção enxuta. E 32% dos entrevistados não tinham ouvido falar em quarta revolução industrial, Indústria 4.0 ou Manufatura Avançada, nomes diferentes para a mesma mudança na forma de produzir, com base em tecnologia e dispositivos autônomos que se comunicam entre si ao longo da cadeia de valor.” Disponível em: <<http://www.fiesp.com.br/noticias/fiesp-identifica-desafios-da-industria-4-0-no-brasil-e-apresenta-propostas/>>. Acesso em: 16/10/2017.

tancialmente nossas relações sociais, a ponto disto, de nenhuma maneira, ser considerado do ponto de vista do *controle consciente e planejado* de tal inovação, tal o nível da abstração automática que a *forma social* da produção mercantil 4.0 requer para sua manifestação e conseqüente publicidade; *mistificar*, com novo estilo, a tecnologia como *resultando* do capital e não herdeira de *força humana* acumulada por milhares de gerações.

Conclusão

No geral, nossa intenção se caracterizou pelo esforço de apreender a temática do fetichismo sob as seguintes plataformas, dentre elas: 1) O fetichismo constitui uma *categoria objetiva da realidade burguesa*. Este primeiro ponto diz respeito ao fato de que a reflexão marxiana sobre o caráter fetichista da mercadoria *não se esgota no primeiro capítulo* de sua magna obra, tal como também não é um mero conceito articulador de uma temática reclusa. Com efeito, a crítica do fetichismo compõe um complexo social objetivamente determinado, a qual se estrutura pela *abstração objetiva* dos trabalhos quando estes se socializam de maneira *indireta* através do mercado. Este caráter *indireto* ao mesmo tempo torna legítimo o elemento por detrás das “leis econômicas”, qual seja; a violência e a opressão.

2) Essa *igualdade dos trabalhos* a uma forma abstrata *oculta a desigualdade* na exploração da força de trabalho, aspecto que compõe em paralelo lutas sociais estabelecidas sob um regime jurídico encoberto pelo fetichismo.⁴⁴ A *dominação* e a *exploração* não aparecem à primeira vista, mas estão envolvidas pela “teia de aranha” social das relações mercantis, a qual *incorpora* os sujeitos sociais no ordenamento fetichista de controle metabólico motivado pela manutenção

44 Tal como sinaliza Pachukanis: “As relações dos homens no processo de produção envolvem, assim, num certo estágio de desenvolvimento, uma forma duplamente enigmática. Elas surgem, por um lado, como relações entre coisas (mercadorias) e, por outro, como relações de vontade entre unidades independentes umas das outras, porém, iguais entre si: tal como as relações entre sujeitos jurídicos. Ao lado da propriedade mística do valor aparece um fenômeno não menos enigmático: o direito. Simultaneamente, a relação unitária e total reveste dois aspectos abstratos e fundamentais: um aspecto econômico e outro jurídico”. (PACHUKANIS, 1988, p. 75).

de “coisas” mercantis em detrimento das relações humanas dos sujeitos entre si,⁴⁵ que se agrava e persiste na atual fase do capitalismo.

E finalmente, 3) Propor uma apreensão das relações sociais configuradas na fase tardia do capitalismo, à luz da mercantilização abundante da vida social, em cujo cerne encontra-se o debate acerca da *função social* da tecnologia no capitalismo e das mudanças abruptas que nos reservam o futuro em se tratando do relacionamento contraditório entre a maquinaria e os seres humanos.

Na maquinaria, o trabalho objetivado se contrapõe materialmente ao trabalho vivo como o poder dominante e como subsunção ativa deste a si [...] *A acumulação do saber e da habilidade, das forças produtivas gerais do cérebro social, é desse modo absorvida no capital em oposição ao trabalho, e aparece consequentemente como qualidade do capital [...]* Ademais, na medida em que a maquinaria se desenvolve com a acumulação da ciência social, da força produtiva como um todo, o trabalho social geral não é representado no trabalhador, mas no capital. *O saber aparece na maquinaria como algo estranho, externo ao trabalhador; e o trabalho vivo é subsumido ao trabalho objetivado que atua autonomamente*”. (MARX, 2011, p. 932-933. Grifo meu).

Espera-se com isto salientar que o tema do fetichismo alcança uma posição contundente nos tempos hodiernos, a julgar pelo fato desta tematização assistir a um processo social que se encontra *sintetizado* por Marx, quando de sua elaboração. Isto demonstra, por outro lado, ser a forma social deste capitalismo, que tende a modificar-se *estruturalmente* nos próximos anos e as condicionalidades *periféricas* do empresariado brasileiro neste cenário e sua consequente apatia com relação ao que se passa “lá fora”, a forma *mais fetichista* de gestão política e econômica dos interesses envolvidos na soberania

45 Por debaixo dessa abstração anônima, que opera economicamente, se justapõe uma forma jurídica e uma forma política, em que a *relação social entre as classes* é “apagada”. Isto é, por trás do *fetichismo* encontram-se *relações de poder e dominação*, ao mesmo tempo *lutas e resistências* entre as classes sociais. Relações estas que *nunca se mostram* tal como são, por a própria *sociabilidade burguesa* funcionar apoiada em mecanismos de *mistificação e fetichismo* inerentes a essa ocultação. Tal a dimensão *ideológica* no trato marxiano do problema do fetichismo.

nacional e mistificada o suficiente, a ponto de não atentar-se para a aberrante catástrofe esperada aos países que não anteciparem estratégias factíveis para esta tendente industrialização 4.0.

Quais os desafios implicados para o Brasil em torno desta questão? Que consequências produtivas serão impostas às economias periféricas com o advento do Grafeno, da Impressão 3D, da IA etc., que não *agravem* o estatuto da dependência e não fortaleçam às desigualdades geopolíticas? Seria possível um projeto industrial de vanguarda no âmbito político para os próximos anos, que tivesse a sabedoria de antecipar o inevitável ou sucumbiremos à contemplação do desenvolvimento alheio como parte de nosso espetáculo dramático, para cujos “emplastros” agrário-exportadores oferecemos às grandes potências como expressão de nossa submissão voluntária e de nossa participação dependente? Mais exatamente, haveria certa ressonância entre a subjetividade *reificada* dos setores empresariais brasileiros isentos de um projeto de nação e o fetichismo circunscrito na naturalização de um destino subalterno inevitável, ou no caso, a superação deste “místico véu de névoa”, desse estado de nação subalterna encontrar-se relacionada ao investimento decidido em *capacidades humanas* fluentemente adaptadas à 4ª Revolução Industrial? Esta problemática constitui, em síntese, parte do escopo que julgamos exponencial nesta pesquisa em tela, qual seja: medir a dinâmica termostática da mercantilização da vida social no universo produtivo das indústrias 4.0, sondando as *consequências humano-societárias* que elas liberam para o conjunto da humanidade, porém partindo do agravamento de seu rebatimento em um país dependente e ainda lastreado pelo atraso industrial, como o Brasil.

Nossa situação periférica torna o tema do fetichismo da mercadoria e suas refrações contemporâneas parte de um processo *agravado* pela dependência, em que os rebatimentos da indústria 4.0 aqui *desenvolverão* o subdesenvolvimento se não forem devidamente analisados antecipadamente e tomados em sério no que tange aos efeitos contraditórios que prometem para as relações sociais universalmente.

Artigo submetido em 19/07/2018

Aceito para publicação em 12/12/2012

Referências

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985
- IAMMAMOTO, M. **Serviço Social em tempo de Capital Fetiche**. São Paulo: Cortez, 2014.
- KOSIK, K. **A dialética do concreto**. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- LEFÈBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.
- LUKÁCS, G. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MANDEL, E. **O capitalismo Tardio**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I. Rio de Janeiro: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro II. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro III. São Paulo: Nova Cultural, 1985-86.
- MARX, Karl. **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. **Capítulo VI** (inédito). São Paulo: Ciências Humanas, 1978.
- MARX, Karl. O rendimento e suas fontes. A economia vulgar in: **Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos**. Seleção de textos de GIANOTTI, A. J. Trad. BRUNI, C. J. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- MARX, Karl. A sagrada família ou a crítica da Crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes., Rio de Janeiro: Boitempo, 2003.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- NETTO, J. **Capitalismo e reificação**. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- OLIVEIRA, P. R. A transformação da educação em mercadoria no Brasil. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 108, p. 739-760, out./2009.
- PACHUKANIS, E. B. **Teoria geral do direito e marxismo**. São Paulo: Acadêmica, 1988.
- RUBIN, I. **Teoria marxista do valor**”. Coleção Teoria e História. Belo Horizonte: Polis, 1987.
- SCHWAB, Klaus. **A Quarta Revolução Industrial**, Loja Virtual: Edipro, 2016,